

revista

**Gente**

de

**PALAVRA**

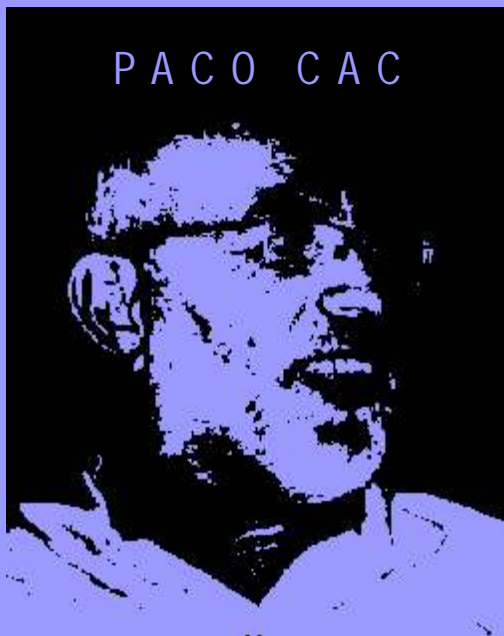
nº 7



A poesia está de luto

---

P A C O C A C

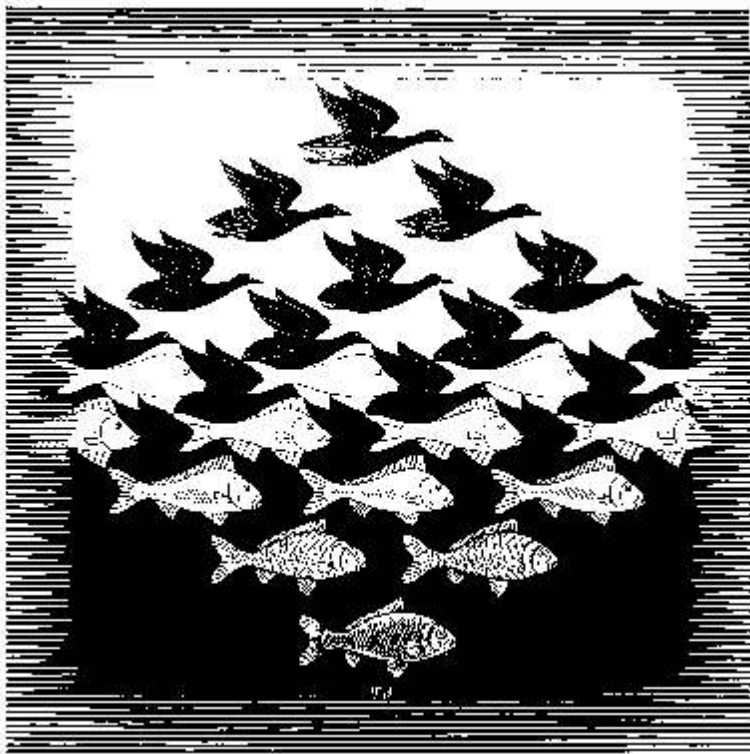


1952

2013

---

Ana Beise   Benette Bacellar   Cairo Trindade   Cláudia Gonçalves   Clauky Boom  
Cristina Martim Branco   Denizis Trindade   Elrucian Ucayali Santos da Motta  
Gerson Nagel   Jeane Bordignon de Jesus   Lota Moncada   Luciana Chaves   Lucky  
Luciano   Michelle Hernandes   Neli Germano   Paco Cac   Renato de Mattos Motta



Escher, xilogravura

A revista Gente de Palavra está mudando. A partir desta edição, ganha um Conselho Editorial. Os poemas agora devem passar pela escolha de um grupo de pessoas muito qualificadas: Daniela Damaris, poeta e Mestra pela PUC RS e Eri Barros, Mestranda pela USP. Nem mesmo os editores estão isentos de passar pelo crivo do Conselho - e este julga as obras sem saber quem são os autores, para que a isenção seja total. Esta revista nasceu do Grupo Gente de Palavra; até aqui o critério para a participação era o de cada um dos poetas. Com as mudanças, pretendemos nos obrigar, cada vez mais, a buscar a qualidade na lida com as palavras. Esperamos que você goste das inovações.

RMM

Gente de **PALAVRA**

# NÓS, OS VIVENTES

Em cada peito um espinho  
Ferida que talvez o tempo cure  
Na carne não se vê marca  
A alma ainda se rasga  
Ao toque de uma palavra  
Impensada

Atrás de um sorriso  
A ferida queima  
Mas tu segues, eu sigo

A dor repentina  
Já não assusta  
Ante a lembrança  
Da chaga mais funda  
E todo tombo  
É leve  
Como um riso.

*Jeane Bordignon de Jesus*



Gauguin, *Nave Fenua* (detalhe), xilogravura

## REBENTO

porque é hoje  
que seja pleno  
se tardar\_\_tanto faz

quero agarrar o poema  
com as unhas do coração  
e não negar  
o que explode em mim

rasgar o peito  
com um verso feito

\_\_que seja parvo  
ou que me questione  
mas que me leve  
e me aprisione

Cláudia Gonçalves

## UM OUTRO OLHAR



Erich Heckel, xilogravura

Nos dias em que me perco de vista,  
em que o contorno de mim  
fica incerto, indistinto, vago,  
necessito um outro olhar  
que me devolva o ar, o raro,  
o íntimo desdesenhado,  
átomos do ser divididos pelo tempo,  
partículas do eu dispersas na história.  
Essa velha cartomante míope  
que confunde futuro, presente, passado,  
no sujo baralho da desmemória.

*Lota Moncada*

## ONDE O ANJO PROTEGE?

usando o poder  
matou a mente  
inocente

abusou da criança  
marcando o corpo  
e alma

criou raízes  
a dor profunda  
sem cura

ela chora  
arrasta a culpa  
calada no medo

receia respirar  
não entende  
(mas sente)  
ele vai voltar  
e assustar

onde o anjo protege?

dorme menina  
esquece

Benette Bacellar

Erich Heckel, xilogravura



PASSA O TEMPO  
PASSAGEIRO  
PASSA O TEMPO A DIVAGAR  
PASSA PLUMA  
PASSA LEVE  
O TEMPO QUE ME LEVE.

*Ana Beise*



Otto Mueller, *Mädchen*, xilogravura

Citas meu nome  
como um mantra  
conheces meu passado  
mas não acreditas no futuro  
gracejas das minhas verdades  
passeias sem pudor pelas minhas dores  
sou mulher que arde  
mas não me reconheces

# DESAPARECIMENTO DE EMILY

I  
Vista pela última vez por pescadores na praia da solidão. Vestia o poente. Em suas mãos de peixe levava um binóculo azul. Dizem que atraía estrelas do mar dizendo poemas. Contam que foi levada ao céu do oceano no coração de uma água-viva – de corpo e alma.

II  
Podia-se ouvir ao longe a milonga das ondas durante o rito de passagem de Emily, assim ecoava a voz dos pescadores. E o afinado silêncio das estrelas do mar foi quebrado com o perfume que exalava das águas.

III  
Antes da derradeira viagem, Emily remexeu seus guardados. Um deles lambiscou-lhe os seios. Isso lhe bastou para buscar outro e mais outro, até ferir-se com suas mãos de peixe. Depois, o silêncio.

IV  
Emily ainda pode ser vista, quando o canto da água-viva encapela as ondas. Dia sagrado, em que se abandona ao olhar de apenas um dos pescadores, o bravo que arrebatou no seu anzol a “Mulher Esqueleto”, cedendo a ela sua lágrima.

*Neli Germano*

Emil Nolde, *Desespero*, xilogravura



# A CADA DIA

A cada dia  
que amanheço  
escorre da frente  
um começo

e quando  
a tarde e a noite  
com seus beijos vêm

encontram-me  
já refeito  
do dia anterior  
que se foi.

E elas veem  
em meu rosto  
já os traços  
do dia que  
virá de novo

com sua nova manhã  
e o matutino alvoreço.

Até o dia  
em que o dia  
me disser:  
"Não posso.  
Fique a dormir,  
meu moço,  
que a noite  
já vem."

E então dormirei...  
para a manhã  
que não vem.

*Elroucian Ucayali  
Santos da Motta*



Emil Nolde, *Candle Dancers*, xilogravura

## VIDA DE REGRA

mulheres sangram  
dores

mulheres sangram  
fazeres

mulheres sangram  
amores

mulheres sangram  
crianças

mulheres sangram  
suas vidas

mulheres são  
sangria  
d  
e  
s  
a  
t  
a  
d  
a



Emil Nolde, *Profeta*, xilogravura

# ENQUANTO O AMOR DORMIA

Erich Heckel, xilogravura



eu sei o que meu amor não sabia

que o amor começa com a mordomia  
de querer ver o outro todo dia todo  
dia todo santo dia

e termina com a rotina  
de ter que ver o outro todo dia todo  
dia todo santo dia

que sina  
parece um filme de sessão da tarde

well  
antes tarde do que never  
um dia há de ser forever

*Clauky Boom*

## NOVO MUNDO

Malditos escravocratas  
Seu tempo está acabando  
Malditos escravocratas  
Seu mundo está acabando

Quem limpará sua sujeira?  
Malditos escravocratas!  
Quem cuidará de seus filhos?  
Malditos escravocratas!

O tempo da servidão acabou  
não há mais servos  
e vocês são incapazes  
de limpar a própria latrina!

Quem os livrará  
de sua imundície?  
Malditos escravocratas!

Terão ao menos  
quem lhes feche os olhos  
no berço pútrido?  
Malditos!

*Michelle Hernandes*



Erich Heckel, xilogravura



Incito  
 nu a ver  
 nau ir  
 e flutuar  
 invadir  
 a canoa  
 rumo a  
 Lisboa

em si  
 nu ante  
 o mar

onde  
 nasce  
 a lua  
 é sede

tua  
 pele  
 crua

aclara  
 ao luar

a sede  
 sacia

o lugar  
 é tecido

e leve  
 mansa  
 mente

pausa  
 vivaz

a alma  
 ensina  
 a lidar.

*Gerson Nagel*



Hans Slavos, xilogravura

## SELVABABILÔNIA

a selva é um estado de espírito  
de infinitas estações

a Babilônia é um estilo de vida  
repleto de tentações

na selva tropical  
você é a medida do seu chapéu

na Babilônia  
você é a peça na dança  
de um quebra-cabeça  
que balança do chão ao céu

dos caldeirões da Babilônia  
transbordam revoluções  
tesão e fome  
a selva é o fogo  
que meu coração consome



Gauguin, xilogravura

# MULHER MAIOR

às mulheres

sou uma mulher inteira,  
fêmea em eterno cio,  
sem medo de amar e errar.

sou bruxa, fada e guerreira,  
enfrento até tempestades  
no deserto e em alto mar.

eu sou tudo e não sou nada  
e sobrevivo às tormentas  
sem escudo e sem espada.

sou amante das estradas  
e namorada dos ventos,  
por isto é que eu sigo em frente.

mais que tudo, eu sou mulher  
para o que der e vier.  
mais que mulher, eu sou gente.

*Denizis Trindade*



Erich Heckel, xilogravura

## CELEBRAÇÃO DO INSTANTE

hoje é sempre melhor do que ontem, porque hoje é hoje,  
esta coisa mágica, única, surpreendente, que se acaba  
de repente.

hoje é melhor do que amanhã, porque hoje é hoje  
e estamos vivos, e plenos de tanto, até não se sabe  
como e quando.

hoje é sempre melhor que sempre, porque o hoje foge,  
amanhã é um mistério e ontem é só memória, história,  
já era.

hoje é sempre o maior presente, porque a vida é agora,  
esta hora de som e luz e festa, e este instante é tudo o  
que nos resta.

Franz Marc, xilogravura





Ernst Barlach, xilogravura

## A LUA NÃO É MINHA

Não fui eu que quis assim  
foi o céu  
que caiu na sua cabeça  
quando você deu descarga na lua  
ao invés de subir a escada  
para retirá-la  
v a g a r o s a m e n t e

Foi ela quem jurou  
que te levaria a marte  
eu  
só queria ver os campos verdes com você  
colher flores  
correr  
e brincar

Você  
avermelhou meu mundo  
com seu sangue  
veias secas  
que insisto em regar  
esperando desabrochar  
seu coração

Você  
avistou jardins  
onde havia ervas daninhas

Não  
eu não disse não  
apenas não disse o sim  
que você sufocou

Sim  
eu apenas fui  
o que minhas entranhas exigem  
mais uma vez

Devo eu ser culpada  
se o avião que você pegou  
rumo ao céu  
estava com as asas quebradas?  
se eu te disse  
que ir até lá seria inútil  
pois a lua reagiria

porque  
ao contrário do que pensas

não  
a lua

não é minha.

*Luciana Chaves*

Ar nos brônquios  
coisa que se expande  
fome

lembrança de palavras  
ronco de estrelas  
paz sem eternidade  
praga em Atenas  
esfinge devorando fígados  
Édipo furando olhos  
rastros  
fumaça  
sinais de tambores  
toque de clarins saudando São Jorge ao alvorecer"

*Paco Cac*



Karl Schmid-Rottluff, xilogravura

soco de nuvens  
a Internacional tocando na vitrola  
tarde sem abracadabra  
sol saindo dos pinos  
ressaca de partidas."

Paulo César Alves Custódio ★ 1952 +2013



## PACO CAC

A fila para assistir "O menor Espetáculo da Terra" não era muito grande mas, ainda assim, tinha mais que a lotação do espetáculo. Talvez porque apenas sete pessoas fossem admitidas em cada sessão. A sala era pequena e totalmente vedada à luz, lembrava um laboratório fotográfico do tempo dos filmes, mas sem a lâmpada de segurança vermelha. De repente, o poeta começava a dizer poemas, letras de música, com uma gagueira, com uma gagueira, com uma gagueira estudada que funcionava maravilhosamente. A escuridão era interrompida por uma lanterna de mão operada pelo próprio poeta. Inusitado, impactante, criativo. Esta foi a primeira impressão que tive de Paco Cac, menos conhecido pelo nome de Paulo César Alves Custódio. Depois o conheci pessoalmente, uma pessoa doce, um amigo e um excelente papo quando o assunto era arte, especialmente poesia. O homem dos poemas fortes tinha também uma coleção fantástica de revistas literárias que acabou virando o livro "Revistas Literárias Brasileiras". Professor universitário, pesquisador de publicações, editor da "Revista Z", poeta e intérprete de primeira, Paco Cac dedicou sua vida integralmente às palavras. Vai, amigo, fazer teus saraus nas nuvens.

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora  
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares  
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)  
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:  
Daniela Damaris Neu e Eri Barros

Porto Alegre, abril de 2013.

APOIO:

